

EXCLUSIVO

TEATRO/DANÇA 2021

Os palcos reclamaram a dissidência

Os temas da representação e da equidade atravessaram a dança que vimos em 2021.

Alexandra Balona

24 de Dezembro de 2021, 10:25



Ana Isabel Castro, *Iceberg*: articulação irónica da dicotomia judaico-cristã de pureza e impureza JOSÉ CALDEIRA

Um olhar é sempre singular e situado. Se em 2021 sentimos já uma retoma progressiva da vida nos palcos, o olhar que conduz este texto não deixa de ser intermitente e fraccionado por condicionantes várias. Importa dizê-lo, já que os tempos reclamam tanto o poder de representação como a equidade e a empatia.

Assim, entre diversos programas e eventos, destacou-se a abertura em êxtase do Festival DDD – Dias da Dança, em Maio, no Porto (<https://www.publico.pt/2021/04/09/culturaipilon/noticia/dias-danca-sao-assim-corpos-reais-filmados-1957746>), com o fulgurante **Bate Fado de Jonas & Lander** (<https://www.publico.pt/2021/04/20/culturaipilon/noticia/danca-fado-1959200>). Um concerto coreográfico em torno de uma história semi-ficcionada do fado quando este era dançado e batido, evocando as travessias que o aproximam do flamengo, do fandango, ou mesmo do lundum brasileiro (<https://www.publico.pt/1999/10/07/jornal/um-fado-para-alem-do-fado-124648>), de herança africana e colonial. A sensualidade lânguida e melancólica do fado transmutou-se em palco para vibrações rítmicas de um sapateado exímio, em danças de roda e de pares, ao som dos fados cantados por Jonas, acompanhado por músicos, convocando a energia pulsante e transgressora de um outro fado censurado e esquecido. Ainda no DDD, **Ana Isabel Castro** estreou **Iceberg** (<https://www.publico.pt/2021/04/29/culturaipilon/critica/icebergues-corpos-ciberneticos-patins-dois-dias-danca-1960530>), uma obra pautada por intrigantes figuras em tensão e contraste entre o incandescente e o sombrio, o celestial e o terreno, com paisagens sonoras ecléticas. Evocando a capacidade biológica da mulher para gerar vida e reclamando a autonomia de lhe pôr termo, a coreógrafa e bailarina articulou com ironia as dicotomias judaico-cristãs de pureza e impureza, de pecado e castidade, e concepções divinas e terrenas do prazer, da morte e da vida.

-
1. **She gave it to me I got it from her** Clara Amaral *Teatro do Bairro Alto (Alkantara Festival)*
 2. **Iceberg** Ana Isabel Castro *Teatro Municipal Constantino Nery (Festival DDD — Dias da Dança)*
 3. **Bate Fado** Jonas & Lander *Teatro Municipal Rivoli (Festival DDD — Dias da Dança)*
 4. **Desdormir a desoras** Sónia Baptista *Serralves*
 5. **Jezebel** Cherish Menzo *Centro Cultural de Belém (Alkantara Festival)*
 6. **Cosmic Latte** Sonya Lindfors *Teatro do Bairro Alto (Alkantara Festival)*
 7. **O susto é um mundo** Vera Mantero *Teatro Municipal Rivoli*
 8. **Por baixo de mão** Tânia Carvalho *Serralves*
 9. **L'Onde** Nacera Belaza São Luiz *Teatro Municipal (Alkantara Festival)*
 10. **Gentle Unicorn** Chiara Bersani *Teatro Nacional D. Maria II (Alkantara Festival)*

Em Julho, sobressaiu o programa de performances inéditas em diálogo com a exposição *Deslaçar o Tormento, de Louise Bourgeois* (<https://www.publico.pt/2020/12/04/culturaipilon/noticia/louise-bourgeois-mae-mulheresaranha-1941223>), patente no Museu de Serralves, e em particular com os anunciados da artista que evocam temas como o feminismo, a maternidade e a sexualidade. Destas, salientou-se *Por Baixo de Mão, de Tânia Carvalho* (<https://www.publico.pt/2021/04/09/culturaipilon/noticia/tania-carvalho-motivantes-nomes-danca-europeia-1957344>), performance que desdobra o universo misterioso, fantasmagórico e intrigante desta criadora, articulando composição coreográfica e musical com a criação imagética de figuras-sombra em movimento, evocativas das constelações cinematográficas que informam a sua obra, e negociando o legado visual e conceptual de Louise Bourgeois. No mesmo ciclo se estreou ainda a admirável performance *Desdormir a Desoras, de Sónia Baptista* (<https://www.publico.pt/2019/03/27/culturaipilon/noticia/veja-aqui-heroina-shakespeare-voce-sonia-baptista-1866922>), dispositivo performativo que articula movimento, voz e palavra dita, e com o qual a criadora e intérprete nos desassombrou e espantou, uma vez mais, pelo modo astuto como combina a mestria assertiva dos seus jogos linguísticos e a aguda sensibilidade do seu texto com a determinação e a força da sua presença em palco. Num texto que se vira do avesso e se desdobra, a artista entreteceu temas como o poder de nomear, o corpo que é trabalho e prazer, os espelhos e os seus reflexos, a ordem e a desordem, o tempo e a memória.

nia Baptista: dispositivo que articula movimento, voz e palavra dita ANDRE DELHAYE

Prosseguindo o arco temporal, em Novembro o Alkantara Festival (<https://www.publico.pt/2021/09/01/culturaipsilon/noticia/festival-alkantara-palco-novembro-projectos-identidades-marginalizadas-1975953>) imprimiu um pulsar crítico e vibrante à cena das artes performativas trazendo propostas muito pertinentes a diversos espaços de Lisboa. Convocaram-se temas como a violência ecológica, social e racial, a representatividade e a reimaginação de identidades e corpos não brancos e não normativos na desconstrução dos estereótipos da mulher negra trazida por **J** (<https://www.publico.pt/2021/11/16/culturaipsilon/critica/hiphop-honeys-mao-assina-nome-1985147>) **ezebel** (<https://www.publico.pt/2021/11/16/culturaipsilon/critica/hiphop-honeys-mao-assina-nome-1985147>), de (<https://www.publico.pt/2021/11/16/culturaipsilon/critica/hiphop-honeys-mao-assina-nome-1985147>) **Cherish Menzo** (<https://www.publico.pt/2021/11/16/culturaipsilon/critica/hiphop-honeys-mao-assina-nome-1985147>); na fabulação afro-futurista de **Cosmic Latte**, de **Sonya Lindfors**; na delicadeza com que **Chiara Bersani** afirma o seu corpo político em palco; na afirmação com que Gaya de Medeiros dá fala ao corpo em *Atlas de Boca* (<https://www.publico.pt/2021/11/24/culturaipsilon/critica/ondas-nao-vemos-bocas-dao-fala-nacera-belaza-gaya-medeiros-alkantara-1986058>); ou, ainda, na notável e intimista performance de **Clara Amaral** *She gave it to me I got it from her* (<https://www.publico.pt/2021/11/16/culturaipsilon/critica/hiphop-honeys-mao-assina-nome-1985147>). Activada pela leitura de um livro, pelas mãos que voltam e revoltam ao som da voz que entoa as palavras, a artista evoca não somente as estruturas de poder patriarcal que condicionam ainda a representação da mulher, como a rede de suporte, de afecto e de cumplicidade estrutural que pode corromper essas estruturas normativas e hegemónicas, e disseminar esse espaço e esse tempo de representatividade política que se reclama, hoje, um pouco por todos os palcos.